12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

O 31 de Janeiro

(Reconstituição inedita)

A revolta do Porto que foi a aurora do movimento republicano em Portugal e cujo aniversario passa na madrugada de hoje teve aspectos de alta tragedia. Esta pagina, verdadeira e emocionante, é reconstituida sobre as mais fieis tradições e documentações historicas, fornecidas por combatentes do 31 de Janeiro.

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado
ANO I N.º 3
LISBOA 1 DE FEVEREIRO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA—EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES—IMPRESSÃO R. da Rosa, 99

Má lingua

CARTA PARA A PROVINCIA

Minha Amiga:

A esse exilio voluntario
de que aponta as vantagens e delicias,
tento, na folha azul dum comentario,
fazer chegar um feixe de noticias.

Lisbôa é um grande livro de bonécos
— alguns bons e outros maus como é da praxe —
onde Gervasio esclarecesse em "echos"
as sátiras crueis de Caran d'Ache.

É um fervilhar de risos e de lutos.
É farça triste . . . É uma tragedia amena.
Uma revista de ano em trez minutos.
Um DOMINGO ILUSTRADO posto em scena...

* * *

Celebrou-se a valer Vasco da Gama
numa semana só de quatro dias.
(E ainda, accêsa, a oposição proclama
que o governo não faz economias!)

Só quatro dias. sim . . . Não ficou farto.
A si, parece-lhe uma inconsequencia? . . .
Bem vê. Dos Centenarios, era . . . o quarto!
. . . De que servia a longa permanencia?

Vieram a correr, de outras nações,
bizarmas com canhões a quatro e quatro,
canhões nas mais diversas posições
— tal qual como coristas num theatro . . .

E a par do collossal navegador,
tambem, — não lhe parece extraordinario? . . .
vimos "Vasco da Gama„ (o cruzador)
celebrar o seu quarto centenario!

* * *

Temos outro "Salon„. (Vae em francez,
que em portuguez seria menos terno . . .
Coisas da mocidade! — Desta vez,
abre um «salon» de outomno em pleno inverno...

Na Agricultura, Ezequiel de Campos
(— Campos na agricultura! Que pleonasmo!)
fez uma lei que é de metter os tampos;
e quem tem campos não occulta o pasmo.

Alguns dizem, ao vêl-o a legislar,
de uma forma discreta e allegorica:
— Ora! O Campos!... É um homem singular...
É um Campo ... de flores (de rhetorica).

Outros, acham-no máu, chamam-lhe torto,
já vêem nelle um dictador terrivel,
e dizem que ha, na sua lei-aborto,
muito mais de Ezequiel que de exequivel . . .

* * *

Aqui tem, minha Amiga. Não se queixe
se estas seis linhas lhe parecem chochas,
ou se as noticias que lhe mando em feixe
não teem o aroma das violetas roxas . . .

E não deixe esse exilio voluntario
onde, nas horas graves da tardinha,
ladram os cães e canta o campanario,
«á maneira» das cartas de Clarinha.

TAÇO

PENA ULTIMA

— O reu foi condenado a vinte anos, em possessão de 1.ª classe . . .
— Ah! obrigado sr. juiz. Quem me havia de dizer que viveria ainda tanto tempo . . .

questão prévia

Eu não sei que numero sou na escala para ministro — porque dia a dia mais me convenço de que todos temos que lá ir, quando chegar a nossa vez — mas desde já aqui declaro que, mal o meu nome apareça na pauta das convocações afixada na minha freguezia, prefiro fugir, andar a monte, correr todos os riscos de refractario a ir de automovel até Belem prestar o meu compromisso de bem servir o país nas cadeiras do poder.

As cadeiras do poder!... Aí teem os senhores uns moveis que, por melhor estofados e por mais comodos que sejam, participam bastante da natureza da cadeira da electrocução e da grelha de S. Lourenço. E' por mêdo dos seus fôfos assentos que me disponho a fugir na hora cruel, que o Tempo por muito tempo guarde na sua ampulheta, em que fôr convocado para sobraçar uma pasta, como usa dizer-se em giria de imprensa.

Eu tenho, como todos os meus contemporaneos, um plano infalivel de salvação nacional, um plano de verdadeiro taumaturgo com milagrosas medidas que, uma vez decretadas, só pela força sobrenatural dos seus artigos e paragrafos fariam brotar searas louras e abundantes entre as mesmas pedras das calçadas, trariam o peixe por seu pé a casa do consumidor, restaurariam o imperio da carne de vaca gratuita e obrigatoria e, por fim, cavalgariam a libra com tanto pêso que acabavam por obrigar a desgraçada moeda inglêsa a descer a vil condição das actuais cedulas de cinco centavos. Não é, portanto, a incompetencia ou a falta de preparação o que me compele a fugir ás responsabilidades de ser governo: é só o assento, o macio e elastico assento das cadeiras do poder.

Estas cadeiras teem a sua personificação — se é que as cadeiras são susceptiveis de personificar-se — nos «fauteils» a que nas camaras os ministros são amarrados, como São Sebastiões de fraque, para gaudio e alvo da rapaziada dos Deputados ou dos graves senadores.

E' em vão que um ministro foge ao contacto desses moveis traidores e disfarçados, como uma armadilha para coelhos. O vasio dessas cadeiras irrita os representantes da Nação e ha sempre pelo menos um em cada camara que exige a presença do titular desta ou daquela pasta, para se exercitar ao alvo. Um continuo diligente é expedido para o telefone. Retinem campainhas, lançam-se pelos fios recados anciosos, que se cruzam com desculpas dos secretarios: «O snr. ministro está a despacho» ou «O snr. ministro está com gripe». Embora, que o tragam mesmo com sinapismos, que na camara se encarregam de lhe ministrar um suadoiro... Embora, que largue o despacho, os directores gerais e o país que esperem, que o parlamento inteiro, já contagiado pela desconsideração feita a um dos seus membros, ferido no amor proprio da sua soberania, interrompeu a sessão até á chegada do esquivo ministro.

A toda a velocidade chega ao edificio do Congresso, arquejando, a velha «limousine» ministerial e amparado pelo pessoal do gabinete lá se mete no ascensor o ministro reclamado, a quem os secretarios dizem palavras de conforto, como os antigos irmãos da Misericordia. A' porta da sala das sessões, o chefe de gabinete passa-lhe para as mãos a pasta dos papeis do Estado e o tubo dos comprimidos de aspirina. Com passos mal seguros o estadista defronta a turba dos representantes da Nação, que uiva de goso, farejando a carniça e, tendo nos labios o sorriso fixo das bailarinas pateadas, o ministro cai na cadeira do poder, que lhe está reservada.

A sessão recomeça: tem a palavra o snr. Fulano. E o snr. Fulano, no silencio espectante que enche a sala, sob a atenção fixa dos taquigrafos e dos jornalistas, usa da palavra:

— Snr. Presidente! Ao exigir nesta camara a presença do ilustre ministro Cicrano, tive simplesmente por fim dizer-lhe, cara a cara, que é realmente preciso juntar á sua comprovada imcompetencia uma enorme desfaçatez para se apresentar ainda nesta casa do Parlamento, depois dos resultados da ultima votação, que nem por ter sido favoravel ao governo, de que S. Ex.ª é um dos piores elementos, deixa de significar que o país está farto das violencias e das retaliações deste ministerio de ineptos e incompetentes. Tenho dito.

Ha sempre quem requeira a generalisação do debate. Acendem-se as luzes. Os directores gerais, fartos de esperar a volta do ministro, vão jantar. O ministro, preso á cadeira do poder, deixa passar a hora de tomar o xarope e sustentado a comprimidos de aspirina aguarda até ás tres da madrugada que a camara vote a moção de confiança, que lhe permitirá manter-se por mais uns dias nesta situação de bombo em festa de aldeia.

* * *

Espero que o governo, encarapuçando esta defeza de caracter geral, não deixará de mandar transcrever no seu «Diario», sob o titulo de «Vida, Paixão e Morte dum Ministro de Estado» a prosa que acima fica exarada, fazendo-a acompanhar duma portaria de louvor, em que se entreveja a esperança do habito de Santiago, que é entre nós um habito tão inveterado e comum como o de dizer mal dos ministros.

FELICIANO SANTOS

écos

DEITE o cigarro fóra porque a direcção de saude não quere!

— Vá fumar para a plataforma! Pois se vai a fumar deite fóra o charuto!

É a scena dos electricos nesta semana:

Prisão de passageiros e de um proprio fiscal das industrias electricas que foi para a esquadra de S. Paulo.

Tudo porquê? porque a direcção de saude, ha quatro invernos, afixou um aviso do qual ninguem mais quiz saber, e agora, depois de quatro anos de desrespeito pela lei, de desmoralisado, já a prevenção quere de novo fazê-lo obedecer. Este principio de autoridade ás pinguinhas dá nisto sempre.

A caça á multa é desenfreada — e no entanto nunca como agora houve uma fisionomia tão baixa na rua portuguesa. Um afixador de cartazes-reclames de «O Domingo Ilustrado» foi preso e conduzido ao posto do Teatro Nacional, sob suspeita de estar aafixando anuncios sem o visto da policia. Perde lá uma noite, causa-nos com isso graves transtornos e de manhã apura-se que tudo estava legal e o visto tirado já ha dias. Tudo porque um policia pensou em ganhar a noite com o pobre homem.

ropeus da extrêma-esquerda entre si, já não lhes são indiferentes as gentilezas que tenham para com o bolchevismo de Moscou, sobretudo tratando-se da França cujos dominios coloniaes são visinhos do Egypto e da sumptuosa India.

Isto deve-nos explicar a visita que o Sr. Aústin Chamberlain, não ha muito tempo ainda, fez ao Sr. Herriot na velha capital gauleza.

* * *

E tambem isso nos deve explicar o interesse com que toda a Inglaterra olhou para o accordo concluido a 20 de janeiro ultimo entre o Japão e a republica dos *soviets*, ao que o Mikado foi levado, *principalmente*, pela infiltração da influencia sovietica no vasto imperio celeste.

Todas as circunstancias concorrem para que esse acôrdo seja bem focado nesta hora do nosso seculo. Os dias hão-de passar e esse acôrdo ocupará as chancelarias, sobretudo St. James . . .

* * *

Por ultimo, como nota final da actual politica anti-russa da Gran-Bretanha, frisemos que a todas as potencias poderá ter passado despercebida a conferencia dos Estados Balticos em Helsingfors, passo dado a favôr d'uma alliança baltica anti-russa.

Mas á Gran-Bretenha não passou ella despercebida, pois até . . . até não terá deixado de soprar a seu favôr.

A. ROCHA PEIXOTO

COMPENSAÇÃO

— Oh! Diabo! Mas então se é um potife para que lhe dás a tua filha em casamento.
— E' para que tenha a minha mulher por sogra — deixa-o com ela . . .

por todo o mundo

Começou este novo anno — que rapidamente vae deixando cahir os seus dias no abysmo sem fundo do tempo — com uma conferencia solemne, a *Conferencia Financeira Interalliada*, realisada em Paris.

E nessa conferencia tilintou oiro, sobretudo oiro *yankee*... Porque se a politica iniciada com a grande guerra fez ouvir ao principio vagas ideias philosophicas *yankees*, veiu solemnemente a acabar com o ruido dos *dollars* de que os Estados Unidos não prescindem.

Muitos esperavam borrascas e, todavia, o firmamento permaneceu azul. O *Times*, o *Times* respeitavel, fez saber que *«mais um nó se desapertou na massa dos problemas que os alliados estão desembaraçando com os Estados Unidos»*.

Ha, porêm, quem ainda julgue que essa meada só ficará desembaraçada de vez quando os alliados tiverem pago o *maximo*, e a Allemanha o *minimo* . . .

* * *

Ora os destinos da França — a quem os problemas d'essa conferencia tanto interessavam — continuam tendo ao leme o Sr. Herriot.

Quando o chefe radical surgiu á frente do novo governo francez, houve quem pouco menos esperasse, do que todo um palco bolchevista. Depois o Sr. Krassine instalou-se em Paris, como representante dos *soviets*...

Hoje, comtudo, o Sr. Herriot está entalado entre duas *poussées*: a interna, vinda dos seus partidarios, dos homens de 11 de maio, dos socialistas do Sr. Blum; outra externa, vinda de Londres.

E o Sr. Herriot tem de sorrir para... Londres, e para a esquerda do *Palais-Bourbon*, a quem garante a supressão da embaixada do Vaticano para entretenimento.

* * *

Porque desde as ultimas eleições Londres está á frente d'uma politica britanica altamente conservadôra, a politica do Sr. Baldwin, e se aos imperiaes conservadores inglezes são absolutamente indiferentes os sorrisos dos politicos eu-

«VIOLETAS» — Versos de Luthgarda Guimarães de Caires (Lisboa, 1925).

A autora dêste volume de versos tem um nome literário geralmente admirado. Escreveu ha anos, uma «Canção do Passado» onde ha ritmos graves, apaziguantes, que adormentam como uma saudade boa. A cadência romântica e facil dessa poesia e de algumas outras da mesma autora, chegaram mesmo a inspirar alguns dos nossos compositores.

O versos chamados «Violetas» e reunidos em volume não diminuem a reputação de quem os subscreve.

E' até muito possivel que sejam lidos em êxtase por muitos olhos já cansados de ver e de chorar, pelos olhos de quem já sinta melhor a «Canção do Passado» do que a canção do presente ou do futuro — e utilize, para traduzir sensações e estados de alma, as mesmas expressões e termos, enfaticos mas expontâneos, que a Senhora D. Luthgarda de Caires ainda emprega.

«CANTIGAS» — Versos de João Maria Ferreira (Lisboa 1924)

O snr. João Maria Ferreira já ha anos que escreve versos, que os publica, que os oferece a amigos e conhecidos, e, porventura, que os vende. Deve ser-lhe indiferente a opinião dos indiferentes, isto é, dos que não são nem seus amigos, nem conhecidos, nem compradores dos seus livros. Adivinha-se que êste autor está á prova de toda a rispidez da critica.

Continuará, felizmente, e por muitos anos e bons, a escrever os seus versos e a publicá-los em edições agradáveis.

A sua atitude é simpática e, atendendo ao materialismo dominante na época e no nosso meio, tem um certo significado altruista.

Quando se calassem tôdas as vozes de rouxinois e de toutinegras que passam o inverno a cantar nas montras dos livreiros, o snr. João Maria Ferreira não emudeceria. Naturalmente julga, e com razão, que vale mais oferecer ao povo cantigas que o povo não canta, do que admitir a possibilidade de faltarem versos a algumas bocas que tenham desejo de cantar.

THEREZA LEITÃO DE BARROS

ESTE JORNAL FARÁ SEMPRE A CRITICA A TODAS AS OBRAS, DAS QUAIS FÔR ENVIADO UM EXEMPLAR Á REDAÇÃO. Entrados: PALAVRAS INUTEIS de Aguia de Pina; A CIDADE EM FLOR de Fernanda de Castro.

BOTANICA

— Que flôr é esta, eternamente viçosa?

O Fernandes nunca tivéra uma aventura de amor.

A celebre prenda que, no dizer dos poetas, embriaga os corações sem qualquer ajuda de principio alcoolico, fora sempre letra morta na existencia do Fernandes. Casára, é certo, mas o seu casamento fôra mais uma consequencia do facto de estar solteiro do que de qualquer outra finalidade. Casára, para ver como uma mulher era por dentro, sem razão de ordem sentimental, sem dar ao caso maior importancia do que a roupa lavada a tempo, os botões enfiados nos punhos a horas e o escaldapés em completa regularidade de funcionamento. Por isso, quando o moço de esquina voltou com a resposta: «Tambem simpatiso muito com o cavalheiro e como não sou comprometida, espero-o logo ás oito horas ao pé do elevador da Gloria. Sou esta, Matilde Lopes», o Fernandes não deu dois pulos de contente porque lhe pareceu improprio á sua edade, mas entrou na primeira Pastelaria que encontrou e bebeu um quarto de agua das Pedras Salgadas.

* * *

Fernandes andava pelo beiço que é geralmente a membrana por onde as mulheres prendem os homens. A esposa não desconfiava de coisa alguma dada a regularidade com que Fernandes entrava em casa á meia noite e a Matilde era, ao natural, uma autentica mulher em corpo inteiro, com todos os segredos da Arte de agradar aos homens.

Uma coisa atrapalhava Fernandes, era a despeza que Matilde lhe fazia todos os mezes. Em volta da sua amada tinham-se agrupado uns tantos cunhados, primos e tios e raro era o mez que Fernandes não desembolçava o melhor de cinco contos só para despezas de casa. Por isso n'aquela tarde repontou:

— O' filha! Quarenta e dois kilos de batatas em trinta dias?!

— Então, que queres? Eu quiz ver se era capaz de fazer um queijo flamengo para te oferecer no dia dos anos!

— E estes noventa kilos de marmelada? Tambem foram para fazer queijo?

— Ah! Isso foi para o cãozinho, para o «Armoustrong»! Dizem que dá muito lustro ao pelo!

— Pois se queres dar lustro ao pelo do cão, o melhor é comprares duas caixas de graxa! Sim, porque isto assim não pode ser! Só de mercearia quatro contos!

— Pois se não podes, arreia! — disse a Matilde com aquela graça que todos nós sabemos.

— Arreia, não! Não juras tu que gostas de mim desinteressadamente?!

— Sim, digo, mas bem comprehendes que uma pessoa não vive do ar! Demais eu não te peço automoveis, não te peço palacios, não te peço colares de perolas...

— Pois sim mas só *Colares Ramisco* são duzentas e trinta garrafas!

Matilde achou que n'esta altura era conveniente chorar, por isso, sacando d'um pedaço de cebola que trazia sempre no lenço, principiou a estender o beicinho:

— Pois é... Como sabes que gosto de ti... abusas...

— O' filhinha...

— Sim.... como gosto de ti como nunca gostei de ninguem...

E Fernandes que não sabia que as mulheres não teem a noção do tempo nem do espaço, não só pagou a conta como combinou uma estadia de oito dias no Luzo, com passeios em burro á discreção, idilios na floresta e excursões mais ou menos investigadoras.

* * *

Durante trez dias Fernandes andou a parafusar n'uma mentira engulivel que obtivesse junto da esposa a licença para se ausentar de Lisbôa oito dias. Até que um dia:

— Ah! E' verdade! Sabes que o Magalhães me convidou para uma caçada no Alemtejo!? E' claro que não pude dizer que não!

— Ah! com certeza! — disse a esposa de Fernandes que ainda era do modelo antigo — Deves ir! Vou já arranjar a cartucheira, a espingarda, o fato!

— Tu não ficas zangada!

— Que lembrança! Vae, filho! Só te peço que me trágas de lá uma perdiz!

E Fernandes sorriu de contente, convencido de que as mulheres casadas são as unicas que prestam para ficar em casa.

* * *

O que foram aqueles oito dias no Luzo não se descreve com facilidade, mas para se fazer uma palida ideia da orgia, bastará dizer que o relogio de Fernandes, um velho relogio de carregar pela bôca mas ainda em ouro macisso, foi a victima empenhada em homenagem á conta do Hotel.

* * *

De novo em Lisboa, Fernandes foi buscar os apetrechos de caça deixados na loja de um amigo, comprou na Praça da Figueira meia duzia de perdizes mortas em segunda mão, e foi para casa, onde, em vez dos braços amigos da esposa, encontrou uma cara de meter medo, alvorada d'um chimfrim dos demonios.

— Então caçaste muito?

— Nem por isso! Os coelhos fizeram um sindicato para se defenderem dos atentados pessoaes! Só apanhei estas perdizes e para isso tive que empregar o cloroformio!

— E não déste pela falta de nada?

— Falta?... não!... não dei!

— Ora vê lá! Quando andavas á caça não déste pela falta de qualquer coisa?

— Não! Não dei!

— Com certeza?

— Absoluta!

— Quê? Então não deste pela falta disto? — e a esposa do Fernandes apresentou-lhe a espingarda esquecida a um canto da casa.

Fernandes fez-se pálido como um anemico no ultimo grau, sentiu que o Lár lhe ia cahir em cima, mas enchendo-se de coragem, respondeu n'um sorriso quasi natural:

— Tem graça! Bem dizia eu! Calcula que quando andava a caçar, de vez em quando dizia para mim: Falta-me qualquer coisa mas não sei o que é! E afinal era a espingarda! Sempre sou muito distraido!...

HENRIQUE ROLDÃO

«FAUSTO»

Com um sucesso egual ao do Werther, estreiou-se na 2.ª feira em S. Carlos o «Fausto». Depois de uma serie de bem dirigidos ensaios, conseguiram os córos uma unidade notavel. Assim, com um desempenho muito bom das primeiras figuras, resultou um conjuncto que promette a partitura de Gounod para muitas noites. M.me Lubin é das melhores Margaridas que teem vindo a São Carlos. Voz de emissão facil e suave, elegancia, bom gôsto. O tenor Lafitte, com as mesmas qualidades em menor escala. O baixo Combe recortou um Mefistofeles interessante, centrando muito bem, representando com intenção. Os restantes pequenos papeis, rasoaveis. Jeanne Cory no Siebel, muito graciosa. O quadro da Noite de Walpurgis, com scenario vistoso, de estylo moderno e o grupo de bailarinas na maxima força, deu occasião a excellentes visões coreograficas, onde não faltaram novidade e bôas condições plasticas. O esforço da Empreza na apresentação deste quadro merece o reconhecimento de todos nós.

A Distração, O Gancho, A Profissão

Meu caro Avila de Mello — Suponho ter presente, na memoria, a tua interessante entrevista, dada ao «Seculo»,sobre amadores e profissionaes de football.

Permite que lhe faça alguns reparos, na melhor das intenções.

E' evidente, que o facto de nos outros paizes as irregularidades existirem tambem—n'alguns com formas mais escandalosas até — não justifica a nossa indiferença.

Para gente séria, é pouco moral a moralidade do mestre-sola de Braga.

Uma vez que o organismo superior, a União Portuguesa de Foot-ball, essa montanha esteril, é impotente para conceber um miseravel rato... vamos nós dando uns encontrões ao assumpto, que urge arrumar, com decencia.

Era fatal que, desde que o foot-ball se fez o espectaculo mais rendoso do paiz, as coisas haviam de cahir no que estão.

A antipatia da situação está apenas na base de hypocrisia que a sustenta.

Cada um mente para seu lado e a lucta dos clubs, nos Jornaes, com o tiroteio de documentos, mais ou menos expressivos, é um tristissimo espectaculo a que é indispensavel por côbro e termo.

Os Clubs mais ingenuos são apanhados com a boca na botija, porque estampam aqui e acolá os seus processos. Os mais rábulas, defendem-se. Vivem á maneira de sociedades secretas, e sabendo aferrolhados, a sete chaves, os «dossiers reservados», dão-se ares de pimpões . . . e de amadores imaculados.

Que necessidade ha de prolongar uma situação tão falsa.

Toda a gente sabe como vivem actualmente os grandes clubs de foot-ball, para o que os arrastou a popularidade. Os que não se adaptarem ás exigencias da epoca não poderão luctar.

Admittamos então a classificação dos jogadores em: amadores, independentes e profissionaes.

Por amador, entende-se, o que faz desporto por distracção, sem receber qualquer beneficio material; independente, aquelle que não vivendo exclusivamente do desporto, d'elle póde receber certas compensações materiaes; finalmente profissional o que vive exclusivamente do desporto.

Esta classificação de independentes é a que foi adoptada pelos austriacos, no foot-ball, e os francezes teem já para o ciclismo.

Ella serve bem o nosso caso. Nos temos alguns verdadeiros amadores, muito poucos profissionaes e a grande maioria são independentes, segundo o significado dado. Portanto se estabelecermos aquella categoria, damos ao problema uma solução rasoavel, e acaba de vez a exibição desmoralisadora d'este insustentavel regimen de mentira.

Até aqui parece perfeito o nosso acordo, meu caro Avila.

Mas parece-me puder deduzir da tua entrevista, que ao passo que condenas francamente os profissionaes, não vez na existencia dos independentes os riscos d'ordem moral que aquelles trazem. Parecem-te estes uns amadores pouco abonados, que não podem dispensar certas facilidades? Eu vejo-os como modestos profissionaes a quem o meio não permite, por emquanto, uma vida desafogada.

Condeno por isso a sua instituição, mas admito-a como inevitavel e preferivel a este estado de coisas.

O independente fará no foot-ball o seu ganchinho, que será tanto mais rendoso quanto maior fôr a sua habilidade e o interesse do publico pelos espectaculos.

Assim as suas provas perderão todas as caracteristicas belas das luctas de amadores.

Outro ponto em que não posso estar d'acordo contigo; os clubs pódem ter grupos de amadores e independentes.

Ha n'isso graves perigos, não só para o foot-ball como para os outros desportos.

Já hoje que, as coisas ainda estão a coberto, se sente a nefasta influencia dos processos seguidos no foot-ball.

Os clubs habituados a dar compensações aos seus homens não teem escrupulos—quando se trata de desportos em que isso não é uso—em chamar a si os representantes dos contrarios, quando as suas modestas condições os tornam abordaveis.

E' preciso não esquecer que o foot-ball não é o unico desporto, que outros ha de maior valia—e que para a boa marcha de todos é indispensavel fazer uma nitida separação entre os amadores e os que o não são.

Teu colega e amigo
F. GUEDES

O ultimo Porto-Lisboa

(Cliché de F. Santos)

ALFREDO DE SOUSA, JOSÉ PEREIRA, FLORIANO E LUZIA EM PLENA AÇÃO PROCURANDO Á OUTRANCE A POSSE DA BOLA

FOOT-BALL

O CALENDARIO D'HOJE

Na I divisão o Casa-Pia encontra novamente o Victoria de Setubal, campeão de Lisboa na ultima época.

Na 1.ª volta os setubalenses foram derrotados em todos os encontros, acusando uma nitida infelicidade n'algumas exibições. Contra os casapianos, o Victoria teve duas fases totalmente distintas; no 1.º tempo, com dificuldade repeliu a pressão do adversario que se traduziu em 3 bolas contra; mas na 2.ª parte, o onze verde e branco reagiu com tanto acerto, que os seus avançados conseguiram 2 pontos, não resultando um empate por absoluta falta de chance.

A superioridade dos casapianos não se apresenta pois bem definida e o match que hoje se realisa no Campo Grande dá azo aos mais variados comentarios.

* * *

Na II divisão, o União Lisboa joga contra o Chellas. O onze de Santo Amaro conseguiu ultimamente empatar com o Imperio, o que é indicio duma melhoria de forma, emquanto que o Chellas se apresenta em publico pela 1.ª vez na 2.ª volta, acusando más perfomances nos primeiros encontros do campeonato. O resultado do match pouco deve influir na marcha do torneio. A victoria do União conquistar-lhe-ha uma totalidade de 7 pontos em 6 desafios, emquanto o Carcavelinhos possue já 8 pontos sómente em 4 encontros.

* * *

Na Promoção, os dois leaders, Marvilense e Hockey encontram-se nas Larangeiras-A. O desafio tem pois particular interesse, pois o vencedor tem todas as probabilidades de conquistar o titulo de campeão da Promoção.

ATLETISMO

III

OS NOSSOS PROGRESSOS

Reconhecendo no Nun'Alvares um paladino da causa do atletismo, a Federação Portuguesa de Sports Atleticos delegou naquela colectividade a criação de sua filial no norte do paiz. Fundou-se assim, a Delegação do Porto da F. P. S. A., cujo trabalho e propaganda são já apreciaveis.

No ano findo, o unico cross de importancia na região do sul, foi a prova de «Os Sports». No Porto, realisou-se ainda o Campeonato regional de cross, para apuramento da equipe concorrente ao campeonato de Portugal que não se efectivou.

A Federação Hespanhola convidou então a F. P. S. A. para um match entre aos dois paizes, a realisar na 2.ª quinzena de Maio, em Madrid.

Não obstante todas as nossas boas iniciativas, este encontro não se realisou, devido á negligencia da Federação Hespanhola, que não conseguiu os fundos necessarios á deslocação da equipe portuguesa.

O campeonato regional de atletismo (norte e sul), o nacional, e os concursos inter-clubs do Benfica e do Nun'Alvares, completaram o resumido programa de 1924.

* * *

Pelo que deixamos escripto, o leitor depreende facilmente, que o numero de campeonatos realisados até 1925, está longe de satisfazer as necessidades naturais de estimulo, para aqueles que se dedicam ao belo e incomparavel treino de sports atleticos.

Só com concursos muito amiudados, se poderão melhorar as nossas qualidades de velocidade, souplesse e resistencia, factores basilares do atleta bem constituido.

O genero humano tem os seus defeitos e seria loucura julgar, que um determinado ramo de sport atingiria um elevado grau de desenvolvimento, sem classificar os seus adeptos, por provas publicas, onde os melhores afirmem a sua superioridade, compensando o trabalho e preparação executados e dando plena satisfação á sua vaidade; predicado inerente e que não devemos levar a mal.

O processo pois a adoptar para alcançarmos nitida e acentuada classe nos nossos amadores de atletismo, reside muito especialmente, na realisação de amiudados concursos.

Vou indicar sucintamente, as provas mais importantes, realisadas entre nós desde 1910.

1910 — Jogos Olimpicos Nacionais.
1911 — Jogos Olimpicos Nacionais.
1912 — Jogos Olimpicos Nacionais.
1913 — Concurso de «O Mundo».
» — Concurso Inter-escolar.
» — Jogos Olimpicos Nacionais.
1914 — Concurso Inter-escolar.
» — Jogos Desportivos Nacionais.
1915 — Jogos Desportivos Nacionais.
1918 — Campeonato do Bemfica.
1919 — Campeonato do Bemfica.
1920 — Campeonato do Bemfica.
1921 — Campeonato do Bemfica.
» — Campeonato infantil do Bemfica.
1922 — Cross de «Os Sports».
» — Crosses regionais.
» — Cross nacional.
» — Campeonato regional do Sul.
» — Campeonato nacional.
» — Campeonato do Bemfica.
» — Festa de educação fisica.
» — Campeonato infantil do Bemfica.
1923 — Cross de «Os Sports».
» — Cross regional do Sul.
» — Cross nacional.
» — Domingo de estafetas.
» — Festa de educação fisica.
» — Campeonato regional do Sul.
» — Campeonato nacional.
» — Campeonato do Bemfica.
» — Campeonato junior do Bemfica.
» — Campeonato do Nun'Alvares.

(Continua)

CORRÊA LEAL
engenheiro

Actualidades gráficas

O CENTENARIO DE VASCO DA GAMA

M.LLE ANDRÉE PASCAL

A PRIMEIRA ACTRIZ DA COMPANHIA DO TEATRO DA PORTE-DE-ST. MARTIN DE PARIS, QUE ACTUA COM ENORME SUCESSO NO TRINDADE, NO «AIGLON» DE ROSTAND.

A continencia dos contingentes estrangeiros, na parada do Terreiro do Paço, á bandeira do Almirante das Armadas da India

MANUEL CASIMIRO

O POPULAR E APLAUDIDO CAVALEIRO TAUROMAQUICO, HA TEMPOS RETIRADO DA ARENA, FALECIDO RECENTEMENTE EM VIZEU, ONDE CONTAVA INUMEROS ADMIRADORES!

O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A VASCO DA GAMA, EM BELEM. S. EX.ª O PRESIDENTE DA REPUBLICA DANDO COMEÇO A CERIMONIA

O DESFILE DA GUARDA REPUBLICANA DEANTE DA VARANDA DO PALACIO DE BELEM, PERANTE O GOVERNO, EMBAIXADORES ESTRANGEIROS E CORPO DIPLOMATICO

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O unico amor de D. Luiz Filipe

O Principe da Beira, gentilissima figura de mocidade que a carabina do professor Buiça fez tombar para sempre, sobre a almofada dum carro á Daumont, na tarde tragica de 1 de Fevereiro de 1908—amou uma mulher.

Sem a pretenção dum rigorismo his-

torico, que não está nem na indole do jornal nem na pachorra do jornalista, as linhas que se seguem são o relato fiel, terno, comovido mesmo, duma conversa serena em que alguem, que com os filhos de D. Carlos privou intimamente, quis ter a inspirada ideia de consenitr na publicidade duma aventura suave e ingenua, na qual D. Luiz Filipe foi, como as figuras das operetas austriacas, um principe de lenda, amoroso e bom.

Provas, ha apenas uma carta e um bilhete. E esses papeis amarfanhados, desbotados do tempo e de lagrimas, dormem o somno eterno num cofre de tartaruga, em certa escrevaninha antiga.

Quem não acreditar, que não leia, quem não souber sentir atravez a palida evocação destas linhas a sincera saudade que as soube ditar, que não perca tempo com elas.

* * *

O que marca, em toda a linha desta pequena anedocta palaciana de tão pitoresco sabor é esse traço de generosidade, que foi sempre, desde o berço ao tumulo, a nota dominante do caracter do primogenito dos Reis de Portugal.

São conhecidos e lembrados ainda hoje os episodios da sua infancia. E' Carlota de Campos, a aia querida dos infantes, quem o refere:

«Certa noite, pela Paschoa, fui com os Principes á Ajuda, jantar com a rainha D. Maria Pia. A Avó deu aos netos, á despedida. duas caixas lindas, em seda pintada, com bonbons e ameixas. D. Manuel, tinha 7 anos, e amuou por lhe ter cabido a mais pequena. Dentro do «coupé» que nos conduzia, á volta, foi o Infante comendo os bonbons da caixa que pertencia ao Principe Real, sem que nós dessemos por isso.

Antes de se deitarem, as creanças foram comigo despedir-se de Suas Magestades, que quiseram ver as prendas da Avó.

A caixa do principe Real estava vazia, e D. Amelia ralhou-lhe asperamente por isso.

Pois nem um queixume, nem uma revolta saiu da sua boca! Deixara-se acusar em vez do verdadeiro culpado! Qual a creança que aos 10 anos faria isso? Quando ao recolhê-lo no leito o beijei e o enalteci, disse-me apenas: «A Mãe, se soubesse que tinha sido ele, ralhava-lhe ainda mais . . .»

* * *

Ainda o incidente passado com Mousinho de Albuquerque no Picadeiro das Necessidades, revela bem a sua preocupação, o seu gosto especial, a sua atração para a defeza dos fracos, essa nota de espirito liberal e egualitario que lhe era tão pessoal — a ele que em nome da Liberdade e da Egualdade, foi, em plena e fulgurante mocidade, fusilado como um cão raivoso!

Na tribuna do picadeiro, a Rainha, a Condessa de Figueiró e D. Isabel Saldanha assistiam á lição.

Em baixo, sobre a terra, Mousinho dirigia o volteio. A certa altura colocou, frente ao cavalo, uma vara para um salto, e logo de cima a condessa de Figueiró, no seu português espanholado, comentou: «E's mui peligroso! Mousinho fez-se vermelho, não respondeu e ordenou: salte!

O Principe obedeceu, mas o cavalo deu um esticão e lançou-o de bruços, pela cabeça.

As senhoras deram um grito e a condessa de Figueiró teve um sorriso de victoria.

Simplesmente, o Principe levantou-se com a maior naturalidade e, comprehendendo a falsa situação de Mousinho disse-lhe: «Desculpa, sou um desastrado. Queres que salte outra vez, não é verdade?»

* * *

Aos 17 anos, D. Luiz Filipe, não era ainda, como tantos outros rapazes, um homem.

A bela educação que o austriaco Kerausch ministrava ao herdeiro do throno tinha sobretudo o merito de precavê-lo contra todos os excessos vulgares numa mudança de edade.

O medico do Paço examinava o principe Real quasi diariamente. Os professores de gimnastica, de esgrima, de equitação, talharam entre si uma bôa distribuição de horas de trabalho fisico, de forma que, milagrosamente, essa primeira e perigosa crise da adolescencia, era vencida por mil distracções adequadas, e sobretudo por um conveniente esgotamento de energia, gradualmente estudado.

Mas o Principe era português! E um português tem sempre coração!

Áparte as primeiras e banais aventuras de alcova, que o Principe teve em Cascaes e em Mafra, de D. Luiz Filipe, sob o aspecto amoroso, não ficou, na tradição recondita e intima, mais do que um amôr.

E que suave, que delicada, que perturbante é essa terna aventura de sentimentalismo, dum coração real!

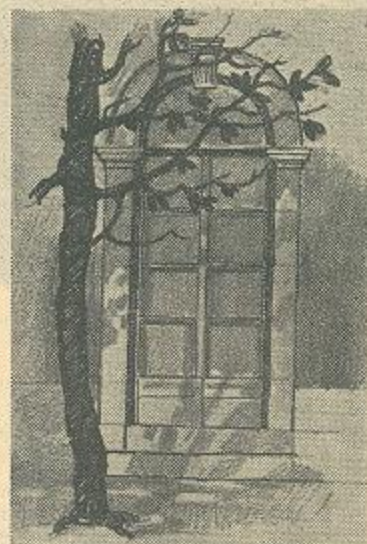
Os infantes faziam, nas ferias, a vida livre que seria permitida a qualquer creança filha de gente rica e fidalga.

Nas touradas de Sintra, nas burricadas de Cascaes e de Mafra, nos passeios a Obidos e ás Caldas, na Praia, no tenis, nas caçadas, os seus companheiros eram invariavelmente os mesmos: Os filhos do Conde de Figueiró, os filhos do veador Conde das Galveias, Pedro, Jorge de Melo (Sabugosa) Rodrigo Seisal, Manuel Castro Pereira, Fernando Ulrich e uns quantos mais. Mas, áparte estes, Suas Altezas mantinham com muitas familias da côrte as mais cordeais relações.

Entre as pessoas que nesse outono, em Cascaes, haviam tomado uma certa intimidade com a real comitiva contavam-se a viuva Baronesa *** e sua filha, Margarida de *** que nesse inverno de regresso do «Sacré Cœur» fizera a sua apresentação nos salões de Lisbôa. Logo desde a primeira vez que Seisal apresentou Mademoiselle Margarida *** ao principe Real, á hora do banho, na Praia, Sua Alteza se demorou largo tempo conversando no toldo da Baroneza, e tirou fotografias com o kodak que quasi nunca o abandonava.

— Fui eu — diz-me a senhora que permite aos leitores do «Domingo Ilustrado» a leitura desta curiosa pagina — quem foi, por um acaso da vida, a primeira e talvez a unica confidente do segredo de D. Luiz Filipe.

— Margarida era minha sobrinha por afinidade. Meu cunhado Vasco casara em segundas nupcias e de sua segunda mulher houvera essa creança.

Eu quiz-lhe tanto como sua propria

mãe. Quando Margarida em 1912, morreu em Davoz Platz, — pareceu-me que não resistiria á sua perda irreparavel.

Tanto eu, como a mãe, desde esse primeiro encontro em Cascaes, comprehendemos que da parte do Principe havia, por Margarida, um interesse especial, alem da mera cortezia de sociedade.

Prudentemente viemos para Lisboa, e não assignamos nesse ano, S. Carlos para distanciar o mais possivel uma afeição que, por muito pura e bem intencionada, não podia deixar de ser prejudicial a ambos.

Quiz porem o acaso que, quando mais tranquilos estavamos a esse respeito um descuido de Margarida nos informasse que a intimidade com o Principe recomeçara, e perigosamente.

Lei este bilhete — e aqui a minha interlocutora facilitou-me essa pagina de historia sobre que os meus olhos, involuntariamente se humedeceram.

> Paço, 5 de Fevereiro.
>
> Guida.
>
> Vou hoje ás 3. Saio pela porta da Botânica. O conselheiro não me acompanha.
>
> Luiz.

O Principe Real frequentava então as aulas da Politecnica e num coupé modesto, as vezes com Kerausch, ás vezes só, ia tomar as suas lições de matematica e de quimica.

Nas palavras que escreveu a Margarida *** referia-se ao sr. Aquiles Ma-

chado, e era evidente que no vasto parque botanico da Escola, o «rendez-vous» regio tinha lugar.

Havia pois relações intimas entre Margarida *** e o Principe da Beira. Que relações eram essas?

E' com lagrimas nos olhos que na pequena salinha onde conversamos, a tia de Margarida ***, evoca esse idilio dos dois jovens. «Sim, amavam-se muito. Logo que tive esta carta nas mãos procurei eu propria falar com Sua Alteza e consegui, não sem dificuldade, avistar-me a sós com êle. Disse-lhe claramente a nossa mágua; o que eu e a mãe choraramos, e a nossa formal tenção de levar Margarida, de novo, para o estrangeiro. O principe não protestou, e ficou sucumbido. Que sim, que tinham rasão. Que nada havia entre ambos mais do que uma grande camaradagem, uma estima intima e mutua, mas que comprehendia que isso podia ser prejudicial a Margarida. «Não a amo... nem a posso amar, minha senhora», disse a custo, com o olhar brilhante, palido e febril. «Mas não poderei sequer vê-la e falar-lhe como todos?»

PAÇO DAS NECESSIDADES

Luiz

* * *

«E, veja se o homem que aos 19 anos escreve esta carta, nas condições em que a escreveu Luiz Filipe de Bragança, era ou não um grande coração e uma alma, de tão subtil e profunda delicadeza».

Li, então, comovidamente, a carta que se segue, cuja copia fiel me foi autorisada.

Paço 24 de Março.

Guida:

Sei que vai partir para França e dali para a Suissa. Creio firmemente que Deus ha-de fazê-la melhorar.

Tenha fé na sua vida, porque ela é-lhe precisa a si e aos seus verdadeiros amigos.

Pedi a sua tia que me dissesse todas as semanas noticias — Peça-lh'o tambem, a Guida.

O Pedro M... tão seu amigo, irá vê-la em Maio. Ontem teve comigo uma grande conversa que vai repetir-lhe, ainda antes da sua partida. Ouça-o.

Eu parto amanhã para Sintra; onde passamos o carnaval. Não a tornarei pois a ver, emquanto a Guida não voltar.

Até lá pedirei a Deus pela sua saude e pela sua felicidade e não me esquecerei nunca de si.

Sua tia autorisou-me a ficar com o desenho do Casanova—que está muito parecido. Os livros vão agora juntamente. Diga a sua mãe, a quem cumprimento, que o ministro sempre escreveu ao Sousa Rosa, e terão para a Suissa os passaportes diplomaticos.

A Guida creia-me, sempre, o seu amigo, muito verdadeiro

Luís.

* * *

«Com a primavera, Guida tinha peorado e o Dr. Almeida, da Parede, recomendára-nos um sanatorio na Suissa.

O Principe, senhor do que se passava, escrevia-lhe uma carta de nobre renuncia pedindo-lhe até. para ouvir Pedro M., seu amigo, e que ingenuamente lhe confiara a sua paixão pela nossa Margarida.

E, no entanto, quando fui ao Paço despedir-me de Sua Alteza e levar-lh' os ultimos livros emprestados á Guida eu vi, na pequena ante-camara azul do seu quarto das necessidades, convulsivamente, de bruços sobre um retrato, chorar um belo rapaz português — era o Principe Real!»

O Reporter Misterio

O que se vê

Reatando a ideia por José Pacheco iniciada, em 1916, com a «Galeria das Artes», promoveu Eduardo Viana o «Salão dos Modernistas». «Salão dos Modernistas» lhe chamamos para não lhe chamar «Salão de Outono» que, entre nós, não quere dizer nada, e, sobretudo, está fóra de tempo. Para lamentar é o facto de ele não abranger outros modernistas e todos os novos por forma que se lhe podesse chamar «Salão dos Novos». Seja como fôr, é uma parada de forças o que ali está na «Barata Salgueiro».

Começando pelos mortos, diremos, sem falta de respeito mas sem falsa piedade, que, nitidamente, só se afirmam Amadeu Cardoso e Manuel Jardim, e tão sómente pelos desenhos: Dos vivos que já marcaram, Albert Jourdain mantem-se, como sempre, bem.

Eduardo Vianna apresenta-se com a tecnica feita e, quere-nos parecer, definitiva dentro da sua maneira. Porem os seus paineis, exactamente pela exuberancia tropical de côr, não falam á sensibilidade. São frios e belos como tapeçarias. Emmerico Nunes simplesmente admiravel nas suas paisagens, duma frescura encantadora. Mais do que um caricaturista, ele mostra-se nesses pequenos quadros, capaz de ser um grande paisagista. Lino Antonio pareceu-nos não ter mudado, isto é, continua a ser a esperança formosissima que já era. Jorge Barradas afirma, mais uma vez, as suas explendidas qualidades de colorista. Almada Negreiros, interessante, sobretudo interessante, interessante, exatamente. Alberto Cardoso confirma a impressão de pintor que chamaremos abstrato, com as suas «Montanhas». Antonio Soares aumentou de categoria:—fez maior mas não melhor. Quem mais se afirma, pelos progressos que revela e pela segurança manifesta, é Mario Eloy, cheio de intenção nos retratos. Das senhoras, é Milly Possoz a maior, embora a mesma enternecida pintora de crianças que nós cónhecemos. Ha a notar, ainda, a arquitetura, sempre esquecida e admiravelmente reprezentada mas que nós temos que esquecer, tambem, por falta de espaço.

JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA

Quem são hoje e o que fazem os descendentes de Vasco da Gama

Quem são hoje, neste utilitario e horroroso seculo XX os descendentes do famoso Gama, o das Indias, heroi da epopeia, glorioso e formidavel? Em que ramos dispersos corre o sangue do almirante famoso, dominador das tormentas e descobridor de mundos, viso-rei e chefe, marinheiro e juiz?

Dizem os relatos dos jornais que a Sra. Marqueza de Unhão, aristocratica velhinha que fôra dama predilecta da Rainha D. Maria Pia, assistiu como parente, trémula e cançada, aos cortejos de mocidade que as tropas estrangeiras fizeram em honra do seu longinquo avô.

Mas mais parentes ha.

O Marquez de Niza, Dom Domingos Xaxier, teve quatro filhos; Essa Senhora Marqueza, D. Eugenia; D. Thomaz, Conde da Vidigueira e Marquez de Niza; D. Manuel, Conde de Cascaes; e D. Maria, Condessa de Torre Novahes, actualmente em Paris.

D. Thomaz, o primogenito, é o pae do actual Conde da Vidigueira e Marquez de Niza. D. José; de D. Constança Telles da Gama Soares Cardoso, a famosa «conspiradora» das incursões monarquicas; e de D. Eugenia Mascarenhas. O filho segundo, D. Manuel, Conde Cascaes teve quatro filhos: D. Domingos, D. Constança casada com D. João d'Almeida Correia de Sá, conspirador e perseguido politico; D. Emilia, casada com D. Luís de Castro Pamplona (Rezende); e D. Izabel, casada com o Dr. José d'Almada, ilustre advogado do Banco Ultramarino.

Os Marquezes de Unhão, são lavradores, ricos ao pae parece, no Cartaxo.

Os Marquezes de Cascaes e condes Monsanto, tem as mais puras tradições literarias e diplomaticas e são pessoas do melhor mundo elegante e «smart».

Como nota historica e interessante recorda-se que o primeiro conde de Monsanto casou com uma filha de João das Regras, sendo por essa ocasião feita a escriptura do 1.º morgadio instituido em Portugal — documento que existe no arquivo da casa de Niza rico de manuscriptos antiquissimos, entre os quais um famoso, de Camões, que foi intimo do Marquez de Cascaes.

As mais diferentes profissões, ocupam hoje os decendentes do famoso Gama

Desde o falecido Sebastião Teles da Gama, Conde da Castanheira, que foi modesto empregado do Governo Civil e morreu tisico aos 28 anos, até aos que, embora não muito ricos, manteem um brilho de situação invejável ainda: O actual Marquez de Niza, e Conde de Vidigueira, que podia usar os titulos de Conde de Unhão, de Conde de Monsanto, de Conde de Castanheira, entroncado com sangue de primeira nobreza, parente de Reis, usando um nome que ressôa como uma tempestade, e que evoca uma epoca de oiro e de gloria — Dom José Thomaz Telles da Gama — mora num modesto terceiro andar esquerdo, num predio burguês, ali a Campo de Ourique, e é honestamente e humildemente, sem dom e sem titulos, funcionario da Republica numa secretaria do Estado! Que tremendo contraste!

Indias maravilhosas, Rei de Melinde, oiros e pedrarias do oriente, vassalos e gentes de armas, gibões doirados e caravelas — são hoje, meus amigos, um «papelot» cossado, um 3.º esquerdo, e um amanuensado honesto e humilde...

O LEITE DE LISBÔA

— Como quererão eles que eu abaixe o preço do leite, se o metro da agua está cada vez mais caro...

(As consultas devem vir acompanhadas da importancia de um escudo para os nossos pobres.)

ABILIO—Se o relatorio dos Raios X refere uma artrite deformante do joelho, não deve perder mais tempo, e dirija-se a um fisioterapeuta que lhe faça maçagens, ar quente e mobilisação passiva.

LILAZ—Na sifilis hereditaria latente a reacção de Wassermann é quasi sempre negativa. Faça todavia o tratamento anti-sifilitico rigoroso. Qualquer medico se póde encarregar disso.

RAUL—Sim, o Luminal é segurissimo no tratamento dos ataques epilepticos. E' um verdadeiro especifico. Quem lh'o receitou, embora não seja especialista, foi o mais conscienciôso possivel.

O MEDICO DO DOMINGO ILUSTRADO

FESTA DE CONFRATERNISAÇÃO

Extemporânea e insustentavel é a tradicional maneira como os novos alunos são recebidos nas universidades.

Apesar de terem sido, por varias vezes, forte e justamente combatidas, as violências a que são submetidos aqueles que pela primeira vez ingressam nas fileiras universitárias persistem como insofismável atentado a uma sã e forte solidariedade académica.

Na verdade, a muito apregoada união espiritual de toda a Academia não psssará duma mera ficção, emquanto subsistirem castas de caloiros e veteranos separadas por um tradicionalismo irritante.

Assim o entendeu a Associação Académica da Faculdade de Letras recebendo os primeiranistas num espiritual abraço de leal e amistosa simpatia e determinando a realização duma festa de confraternisação.

A bela atitude dos alunos da Faculdade de Letras, derruindo em parte os corcomidos alicerces duma velha e absurda usança, aponta aos entusiastas da solidariedade académica a estrada que a ela mais directamente poderá conduzir.

A. de C.

Secção a cargo de José Pedro do Carmo *(Zépêdro).*

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Solinhadeira.
Charadas em frase: Coroça-Capela
Logogrifo: Ilusões desfeitas.

ENIGMA

(Dedicado aos colegas do "Domingo ilustrado„)

O conceito d'este enigma
Tem seis letras, nada mais,
Sendo tres as consoantes
E as restantes tres vogaes·

Primeira letra seguida
Da quarta, quinta e segunda,
Dão quadrupede vulgar
Que aos nossos olhos abunda.

A terceira, sexta e prima
E mais segunda a findar,
Feliz de quem a tiver,
Mas não p'ra sempre a usar.

A palavra do conceito,
Bastamente conhecida,
E' sinonimo de mancha
Quem a não terá na vida!...

ZÉ VIEIRA

CHARADA EM VERSO

Uma meia, meia feita—2
E outra meia por fazer,
Lembra a roda que anda á roda—3
Para meia roda ser.

ZÉPÊDRO

CHARADAS EM FRASE

Carta do Lima remetida ao gabinete.—3—2.

MORENO

* * *

Muitos musicos não sentem, na musica, os encantos de uma flôr—2—1.
Porto D. ESSEJÊ

* * *

LOGOGRIFO

RELEMBRANDO. Dedicado á pessoa, cujo nome é a decifração.

A alcachófra de estames recamada,
Queimada á meia noite no *terreiro*,—9—2—C—15.
E depois espetada num canteiro,
Amanhece florida e orvalhada.—15—9—11—8—14—7—C—12

Essa pobre *florsinha* desgraçada,—1—10—14—4—8
Chora florindo seu tormento inteiro,
Em que na chama extinta do brazeiro
A pôs qualquer donzela apaixonada.

E foi na chama altiva do meu sêr
Que eu te queimei, *amor*, a soluçar...—3—7—13—6—5—6—12
Com magua e com temôr de te perder!

Mas quando o vi florir e despontar,
P'ra mim teu coração—doce Mulher,
Na arca do meu peito o fui guardar.

ARTUR P. MARTA

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçado ao seu director, e enviada a esta redação, ou á Rua Aurea, 72, Lisbôa..

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exatas, entregues nesta redação até cinco dias após a saida dos respectivos numeros.

CHARADA, CHARADISTA

É aquela o enigma ou proposição para se adivinhar, constituindo-se por uma palavra, cujas silabas, decompostas, formam palavras distintas e é este, o individuo, seu autor.

A cada passo, na Historia, topâmos com lendas desta natureza e algumas delas passaram ao estado de proloquio em que figuram nas linguas dos povos e até mesmo nas suas dramatisações de maior apreço.

Do hebreu Sansão, do grego Edipo e do romano Bruto, o destronador de Tarquinio, vieram á nossa idade proposições enigmaticas, decifradas, que ninguem ignora e da tendencia primitiva—parece berço da cousa a Asia, na alta antiguidade—para a adivinha é talvez derivada a forma hieroglifica da escrita do velho Egito.

E quem sabe mesmo, se a directa origem dos problemas geometricos, interessantissimos, em seu plano mais elevado e grave, imortalisação do genial Newton, não terá sido o enigma?!.

Como quer que seja é indiscutivel a fonte remota da charada, que tem contado epocas de verdadeiro esplendor generalisado e que na hora atual tem apostolos ferventes e secções especiaes em todos os jornaes do mundo, mais ou menos.

Além de entretenimento, propriamente dito, póde realisar uma agradavel maneira de raciocinio e de disciplinamento de rima bem como sugestiva lição de cousas.

Está, portanto, longe de ser ninharia ou futilidade ridicula para a Civilisação e despresivel para a Sciencia.

Com uma orientação insinuante de equilibrio, a despertar a curiosidade das crianças, serve a Pedagogia que valorisa e facilita a acção educativa escolar, como ginastica de cerebro.

D. FRANCISCO DE NORONHA

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 3

A. Mari (Italia)
Primeiro premio

Pretas (12)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

Solução do Problema n.º 2

D. 4. B. D.

Resolveram o Problema n.º 1 os Srs. Nunes Cardozo Silva, Avila da Graça, J. Roure, Coronel Ferreira, Dr Antonio Joyce, F. Mendonça, A. Veiga, Afonso Moutinho.

O torneio de xadrês no Gremio Literario está despertando um entusiasmo que excede a espectativa dos seus promotores.

Jogo das Damas

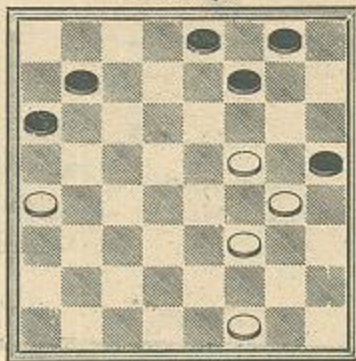
Solução do problema n.º 2

	Brancas	Pretas
1	11-15	20-11
2	1-6	10-1 (D)
3	3-7	1-19
4	7-16-23-32	
	faz Dama e ganha	

Esta numeração é a das casas pretas contadas sempre da esquerda para a direita, do lado das Brancas para o das Pretas.

PROBLEMA N.º 3

(De J. Eloy Nunes Cardozo)

Pretas 6 p.

Brancas 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Carta de Paris

Notas sobre a moda

Mais do que nunca as mulheres querem sentir-se à vontade, livres de todos os seus movimentos, dentro dos vestidos. A grande voga dos cabelos curtos não é uma prova muito clara desse desejo? De mais ainda, os vestidos, quer sejam de «soirée» ou de passeio, já foram, por ventura, mais curtos do que o são hoje em dia?

Isto explica a razão porque os vestidos da manhã se parecem tanto com os de «sport» não só pelo seu córte severo, nitido, muito masculino, mas tambem pelos tecidos empregados neles.

Algumas senhoras, no entanto, preferem um conjunto mais feminino, que um nada guarnece e que elas poderão usar mais facilmente de tarde, sem darem a impressão de que vêm do campo de jogos. Como estamos já quasi no fim do inverno, as côres escuras começam a ser postas de lado, sendo substituidas pela côr «beije» e por todos os tons do castanho. O tecido preferido em Paris é o «Rasha», que tem imensa voga. Ha conjuntos de grande sucesso, combinando o «Rasha» liso e o «Rasha» de fantasia.

Com respeito á linha, continuaremos a dizer: muito direita e muito estreita. Por este motivo é indispensavel usar com o «tailleur», ainda mesmo com o comprido casaco que pareceria ocultar as imperfeições da figura, a cinta baixa que aperta e segura as ancas. E' indispensavel á boa linha do conjunto.

Estes «tailleurs» continuam a ser acompanhados por pequenos chapeus de feltro, cuja forma se tornará cada vez mais fantasista e cuja côr se harmonisará com o conjunto. O formato geral continua sensivelmente o mesmo.

As roupas de baixo

Quando por vezes se fala sériamente, diante de mim, em roupas de baixo, dá-me uma grande vontade de rir. E' que penso no enxoval de minha avó. A familia mandou-lho fazer para o casamento e em toda a sua longa vida ela não poude conseguir usá-lo todo. Ocupava quatro grandes armarios, dos quais se exalava esse insidioso aroma de alfazema e o cheiro tão saudavel da maçã. E ás vezes minha avó declarava lamentosa: «Já tive de encetar a minha sexta duzia de camisas de dia. Estas lavadeiras dão cabo da roupa toda».

Ouçam bem isto, meninas de hoje, meninas sem tradição que costumam dizer que com quatro combinações se pode perfeitamente embarcar no oceano da vida solitaria ou conjugal.

Noutros tempos uma rapariga bem nascida teria morrido de vergonha se levasse para a sua nova casa menos de doze duzias de cada uma das peças de que se compõe o vestuario intimo da mulher. Nos nossos tempos, porêm, quem fala em tal? Quando a exiguidade do vestido suprime toda a roupa interior, chegando-se ao extremo de se usar apenas, por debaixo do vestido, uma camisa-calça e . . . mais nada!

No entanto, não desanimemos ninguem. Ainda ha mulheres que se lembram de que uma mulher sem roupa branca é assim como um rebuçado sem envolucro; que a roupa de baixo é uma especie de misterio delicado e encantador; e que escolhendo-se tecidos proprios muito finos se pode conservar a «silhouette» de hoje, não se parecendo, quando se tira o vestido, com uma boneca de casa de orthopedia.

Tenhamos, pois, roupas de baixo e quanto mais abundantes em numero, melhor. Tanto peor se a carestia da vida não permite que as tenhamos na mesma quantidade que as nossas avós. Que a qualidade, ao menos, substitua a quantidade.

O uso do "rouge„

Dados as costumes femininos modernos, é indispensavel o uso do «rouge» nas faces. De mais, sabendo-se quanto, por via de regra, os intestinos femininos funcionam mal, é claro que o uso do «rouge» impõe-se, visto como as desordens intestinais dão uma cutis palida, terrosa. Ha muito que esses «rouges» se usavam, mas apenas de procedencia franceza. E' que ninguem os fabricava como em Paris. Hoje em dia já se fabricam excelentemente em todos os paises e, ha pouco a «Perfumaria da Moda», 5, Rua do Carmo, 7, que tem conseguido, à custa de muitos sacrificios, fabricar produtos de beleza que rivalisam com os francezes, lançou os seus «Rouges Marya», nos dois tons «framboise» e «brunette». São produtos primorosos, que dão o tom desejado e são fabricados pelos processos usados em Paris, tornando-se muito mais baratos. Experimentem e não quererão outros.

CELIMÉNE

PALAVRAS

SONETO INEDITO DE VIRGINIA VICTORINO

Seja alegria, seja magua, ciume,
pena de amor ou grito de revolta,
tudo a palavra humana em si resume,
tudo ela tem, suspenso, á sua volta!

Palavras! Vida e morte! Cinza e lume!
misterio que a nossa alma traz envolta . . .
umas, consolação; outras, queixume;
— todas correndo como o vento á solta!

Tudo as palavras dizem! A verdade,
a mentira, a doçura, a crueldade . . .
mas afinal o que perturba e espanta

E' o drama das que nunca foram ditas,
das palavras pequenas e infinitas
que morrem sufocadas na garganta!

VIRGINIA VICTORINO

VIRGINIA VICTORINO

Virginia Victorino a gloriosa poetisa que é hoje o primeiro valor feminino da nossa geração, dá-nos a honra da sua preciosa colaboração. A admiravel peça literaria que damos aos nossos leitores, em inédito, está em nosso poder, guardada caprichosamente, ha algum tempo. Ha um certo prazer em guardar, só para nós, as grandes joias, e este maravilhoso soneto tem estado sequestrado exclusivamente em nome desse sentimento . . .

Cinemas, teatros e circos

cá por dentro

Na festa de José Ricardo o brilhante comediografo André Brun fez um primoroso discurso. Quando porem falava, um outro auctor, dos novos, saiu do palco, o que se notou na sala, e explicou a alguns amigos que não concordava com a eleição de André Brun para os representar.

—Depois da peça de Carnaval que se seguir á «Mulher Nua», de Bataille, em scena no Politeama, entrará em ensaios a famosa peça do Nicodemi «Aigrette», em tradução de Mario Duarte. A peça de carnaval é uma comedia espanhola.

—A peça «Rato de Hotel» que esteve para ir á scena no Avenida, entrou em ensaios no S. Luis. E' uma opereta portuguesa em que colabora o nosso redactor e brilhantissimo humurista, Dr. Feliciano Santos.

—Consta que foram feitas propostas a Enrique de Albuquerque e a Chaby para a companhia Esther Leão. Esta artista encontra-se no Porto, onde possivelmente reaparecerá, não estando porém nada de definitivo assente. Chaby e Albuquerque declinaram os convites. Esther Leão regressa a Lisboa esta noite.

—A Companhia nova que funcionará no Apolo, terá como elementos principaes Ghira e Elisa Santos. São emprezarios Augusto Gomes, Lourenço Rodrigues e Lauer, tendo interferencia o emprezario Macedo e Brito.

—No Nacional, a seguir ao Carnaval, irá á scena a «Vivette» e depois terá lugar a reaparição de Chaby, que não é ainda assente que seja com o «Abade Constantino». Vai-se fazer deligencia para que, conforme os desejos publicamente manifestados por este artista, a sua aparição seja num original português. Possivelmente será nos «Naufragos» de D. Fernanda de Castro.

—«Os Ultimos» a nova peça de Corrêa de Oliveira e Francisco Lage será representada no fim da presente época. Estes farão a primeira leitura no proximo mez.

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e á actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

o momento teatral

A alegria nos actores é como o «charme» nas mulheres. Não tem alegria quem quer. Os genios são tristes—disse alguem. A verdade é que o génio da alegria é o mais raro de todos. Ribeiro Lopes não tem alegria, é um actor de drama e alta comédia.

No entanto, no "Dicky", uma peça em que se exigem todas as qualidades que ele nunca exibira, Ribeiro Lopes, á força de talento e de adaptação, mostrou do que é capaz um actor moço, desde que tenha honesto estudo, vontade, amôr á profissão e talento.

Numa peça cheia de alegre caricatura, êle, que é um triste, venceu, apresentando ao publico uma personagem impecavelmente realisada. Julgamos que este facto é realmente a nota interessante da semana teatral, visto que representa, fóra de duvida, o maior esforço feito para bem servir o publico, nestes oito dias de vida na scena portuguêsa. Este Ribeiro Lopes, que é um valor seguro, é dos que tem a maior qualidade para ser amanhã uma figura do maximo relevo: trabalha.

lá por fóra

DE PARIS

Jean Hervé foi confirmado Societario da Comédia franceza.

André Luguet que se estreou na reprise da «Marcha nupcial» de Bataille irá criar agora a nova peça de Maurice Rostand «A morte dos amantes».

—Na Comédie Caumartin estreou-se uma nova peça de Jacques Deral, com o titulo L'Amant rêve.

Reprisa-se esta semana no Teatro Michel a celebre peça de Collete e Marchand, «Chéri»

DE VIENA D'AUSTRIA

Justamente no dia em que Lisbôa viu o Ciriano de Berjerac, de Rostand, esta celebre peça estreou-se no Burgtheater de Viena.

—A peça de Lenorman, «L'homme et ses fantômes» bem como a «Vinha do Senhor» estão nesta capital em scena, com grande sucesso.

—«Mon Père avait raison» a celebre peça de Sacha Guitry foi estreada no Theater der Josefstadt, com o maior exito, provando assim que o teatro de Sacha, considerado intraduzivel resiste a uma transplantação cuidada.

—A Sociedade dos auctores da Vanguarda, de Paris, acaba de nomear uma comissão para tomar conta do antigo teatro do Conservatorio, para o explorarem por sua conta. Este movimento foi sugerido e é patorcinado pela «Comedia» de Paris.

José Ricardo, que tem passado a vida a fazer festas aos outros, teve a sua grande noite. Mereceu-a. Se lá faltaram muitos, não faltaram todos, e os que estavam passaram bem aquela noite, no Nacional, casa de tradições e de brilho, em companhia desse eterno rapaz que é o grande comico.

Faltaram muitos, e foram acusados dessa falta.

Ser actor, não é ainda em Portugal, para todos, uma profissão significadora. Perder as oportunidades de a elevar, é para os que vivem do teatro, além de muitas coisas mais, uma estupidez. Ora esse actor é um exemplo nobre, de trabalho e de fé. E' um valor social; ha que prestigiá-lo.

Das representações da noite, a peça de Mantua teve o exito de sempre—apesar de José Ricardo, modestamente ter pedido desculpa de fazer o «Alcool» desnaturado...

Ilda esteve soberba, e no geral todos bem. Dos discursos, o de Antonio Ferro foi a grande nota. Vibrante, moço, eloquente, teve o publico preso durante meia hora, tendo feito afirmações arrojadas. A assistencia embatucou, ficou desconfiada e por fim aplaudiu. Deu uma tunda nos actores e nos «ratos» do palco. Foi tão extenso o discurso—e apesar disso não fatigou—que o homenzinho que estava no urdimento a deitar restos de rosas velhas sobre o pobre José Ricardo, esgotou as munições. Depois falou Brun. Esteve felicissimo. Foi espirituoso e terno. O Presidente da Republica e o Sr. Domingues dos Santos riram a bom rir—e o proprio José Ricardo, tinha um sorriso de lagrimas.

Na «soirée» estavam poucas senhoras sentadas e com sono; Ilda recitou divinamente; Auzenda, que julgamos abalou depois para o «simulacro» de baile da Camara Municipal, estava encantadora. Satanela, triunfou e o Amarante e o Armando de Vasconcelos com as carequinhas tapadas a rigor.

Foi uma grande noite para o José Ricardo que ceou com 50 pessoas e 100 telegramas porque a Garrett, se rve muito bem, mas 60 escudos áquela hora da noite custam muito a largar.

MULHER NUA

Não é uma peça indecente como se pode sugir á vista desarmada. Pelo contrario, com os interiores rebocados por Amelia Rey Colaço—e se não fosse o reboque dela aquilo não ia assim—é tudo quanto ha de mais proprio. Diz-se que o Snr. Luís Pereira não queria aquele titulo, mas transigiu porque o Snr. Eduardo de Noronha lhe disse que a peça era historica.

No drama aparece de novo o Alexandre de Azevedo, que é um galã de quem todos gostam e o Raul de Carvalho que é um galã de quem gostam as mulheres.

Exibiu-se pela primeira vez a «rotunda» de Robles Monteiro que este artista comboiou de Madrid tendo-lhe custado a modica quantia de 20 contos redondos—em rotunda.

Os scenarios são de Eduardo Rey Faustino Colaço mas a verdade é que eu descobri Alexandre de Azevedo, em mangas de camiza, a pintar de dourado as sobreportas...

Apezar do titulo da peça a verdade é que Amelia Rey Colaço, vinha muitissimo bem vestida.

ANDRE GODIM

ANDRÉ BRUN

Publicamos brevemente colaboração deste comediografo e humorista distincto, sobre um palpitante assumpto de teatro.

PUBLICIDADE

ANUNCIOS UTEIS

Á publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc.,
Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.
O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultorios, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

O 4.º centenario de Vasco da Gama

Portugal comemora o 4.º centenario de Vasco da Gama, com um culto consciente e entusiastico pelo seu grande passado. A ceremonia da benção das aguas do Tejo, por Sua Eminencia o Cardeal Patriarca que esta gravura representa, foi, sobre o scenario maravilhoso dos Jeronimos, a nota mais emotiva e espiritual.